

Esta obra é dedicada a uma Biatríz em
encarnação atual, que além de minha
amiga, foi a inspiração para os contos
desta obra ao me narrar três dos
pesadelos que atormentaram seu sono.

Obrigado, Biatríz, pela ajuda e amizade, te
desejo bons sonhos daqui pra frente,
mesmo que com isso, deixe este velho
escritor sem inspiração.

BIATRIZ

Era sentada no para peito da varanda no terceiro andar de sua casa que ela gostava de ler, o que era um local arriscado na opinião de Augusto, seu marido, para Biatriz era apenas um lugar em que o vento batia em um ponto certo, lá acabava de fechar o livro que havia terminado de ler, Persuasão de Jane Austin, suspirava com o final; como gostaria que seu casamento fosse como os romances da autora! Mas Augusto após de dez anos de casamento passou a guardar o que antes era um frequente “eu te amo” para os momentos de relações íntimas. Deu mais um suspiro e dessa vez conseguiu sentir o cheiro da carne assada que havia deixado e esquecido no forno. O cheiro de queimado lhe deixou claro que o jantar estava perdido. Correu até a cozinha e vendo a fumaça se apressou ao

forno, pegando um pano de prato felpudo tirou a carne carbonizada e pôs em cima da pia com. Teria que improvisar algo para substituir o assado com batatas e teria que ser rápido, pois já passavam das cinco e Augusto chegaria as sete e meia como todos os dias em sua pontualidade quase religiosa. Enquanto pegava vários legumes na geladeira para fazer um ensopado que substituiria o assado perdido, voltou a pensar no marido, seu temperamento forte e controlador, os “eu te amo” que só eram ditos nos momentos íntimos, sua filha, Tatiana de seis anos, que era muito mais apegada a babá do que a ela. Sabia que seu único refúgio eram os livros e mesmo assim, Ricardo reclamava que os mesmos a deixavam fora do mundo real, mas era exatamente isso que Biatriz queria, ficar o máximo de tempo possível fora de um mundo em

que se julgava totalmente dispensável por todos, exceto pela revista que a havia contratado para fazer comentários e indicações literárias sobre o que lia. Naquele trabalho era o único lugar ao qual se sentia importante. O marido não havia gostado nada da ideia, alegando que tal trabalho lhe roubaria a atenção de mãe e dona de casa. Pela primeira vez a esposa fora contra sua vontade e aceitou o trabalho como uma tábua de salvação para sua vida que julgava ser insípida, além do mais, não precisava sair de casa, apenas enviar seu trabalho pelo correio para a revista. Quanto a filha, como mencionado, se ela saísse do país por longo prazo, não sentiria sua falta, mas Cristina, a babá, mal podia ir ao banheiro que a pequena a seguia e ficava a sua espera ao lado de fora da porta. Biatriz sempre fora presente e boa mãe, mas a

escolha da filha, não tinha vergonha de admitir ao menos para si, a afastara da mesma forma como a menina havia feito.

Glória, a empregada que havia ido ao médico depois do almoço chegou com a cara de desprezo e usando o mesmo tom seco de sempre. Biatríz sabia que ela gostava do trabalho e do bom salário que recebia, com isso, ficava claro que sua antipatia era da patroa, pois ao patrão ela só faltava abaixar o traseiro para agradecer-lhe.

- o que houve aqui, dona Biatríz? O cheiro de queimado dá pra sentir lá de fora. - A crítica nas palavras era clara.
- Falou tudo, Glória. Queimado. Queimei o jantar. Aliás, disse que você não precisava voltar antes que sua coluna melhorasse.

- O médico me aplicou uma injeção milagrosa e passou o mesmo remédio em comprimidos, estou nova em folha. Pode deixar que assumo daqui, vou preparar um frango rápido.

Mas é claro que ela iria voltar para conferir o jantar de meu marido! - pensou irônica e saiu rapidamente da cozinha para evitar a presença de Glória, como ambas preferiam.

Foi até sua pequena biblioteca e optou por reler Jane Eyre. Sentou-se na cadeira de balanço e deu início. Olhou no relógio de pulso e ficou surpresa ao perceber que havia se passado mais de duas horas entregue ao livro. Augusto já estava por chegar, pegou um cigarro e o isqueiro em uma das gavetas e voltou para a varanda do terceiro andar da casa, voltou a se

sentar no para peito e acendeu o cigarro fazendo uma concha com a mão para proteger a chama do isqueiro do vento fraco, mas suficiente para apagá-la. Começou a pensar se por acaso caísse dali alguém sentiria sua falta; a pergunta incluía seu marido que chegou juntamente com o pensamento tornando a pergunta inevitável para Biatriz.

- Se eu morresse você sentiria minha falta?

Surpreso com a estranha pergunta repentina, ele também esqueceu de dar boa noite.

- Que pergunta mais maluca, Biatriz! Aliás não gosto quando vc...
- Me sento aqui, eu sei, mas você não respondeu. - Deu uma longa tragada no cigarro e o atirou no chão.

- Antes que eu responda, desça, sabe que quando se senta aí fico nervoso.

Biatrix desceu e cruzou os braços na espera da resposta.

- Todos sentiriam, sua mãe, nossa filha e todos aqui...
- Minha mãe me odeia, minha filha chama a babá de mamãe, Glória nem preciso dizer nada e além do mais eu perguntei sobre você, aos demais eu sei que não faria falta!
- Isso não é verdade, querida!
- Ainda não respondeu.
- Claro que eu sentiria sua falta! E tem mais, não goste que você fale sobre ideias como essa, principalmente perto do seu aniversário.
- Não tenho o direito de morrer? - ironizou.

- Sabe do que estou falando. Pensa que não percebo o quanto vive insatisfeita com a vida? Temos uma filha, Biatriz, por favor não pense em fazer nenhuma besteira.

Ela se limitou a encará-lo calada.

- Esse silêncio está me preocupando, promete, Biatriz?
- Prometo.
- Ótimo. Podemos descer para jantar?

Biatriz desceu do beiral e encarou um jantar silencioso ao lado do marido; o único som eram as vozes alegres da babá e da filha na cozinha. A empregada servia ao patrão com a mesma satisfação de sempre enquanto a ela, se não estivesse acostumada, podia jurar que a má vontade da mesma em lhe servir lhe causaria uma indigestão. Augusto, como sempre, nada disse e desta vez Biatriz não

fez questão de puxar assunto como sempre fazia; estava totalmente imersa em um pensamento fixo. Se morresse, a quem incomodaria sua ausência. Naquela noite fingiu estar dormindo como todas as outras enquanto Augusto visitava o quarto da babá, mas desta vez ele procurou por ela achando que a estava acordando. Desta vez ela não simulou gemidos de prazer e sequer um falso orgasmo como sempre fazia para agradá-lo. Ficou parada sentindo as estocadas e Augusto em nada pareceu incomodado. Ao terminar de se satisfazer lhe deu um beijo nos lábios, virou de lado e pouco depois Biatrix começou a ouvir os costumeiros roncos. Continuou na mesma posição, de pernas entreabertas e olhando fixamente o teto, mais fixo que seu olhar só o mesmo pensamento de quem sentiria sua falta.

Não dormiu aquela noite e sequer usou os costumeiros calmantes para tal. Fingiu ainda dormir quando o marido se levantou e naquela manhã não o acompanhou no café da manhã. Calculou a hora de sua saída e de todos com quem pudesse cruzar até ir à biblioteca e novamente pegar Jane Eyre e voltar para a sacada. Naquela manhã não se identificou com a personagem e sim com a esposa louca trancafiada. Quem sentiria sua falta? A pergunta martelava na mente. Fechou o livro e deu de cara com a empregada a encará-la.

Ela que não seria. A mente nublada a invadiu.

Augusto, no trabalho, estava afoito entre um papel e outro o qual sua secretária insistia em pôr as prestações em sua mesa, se não tivesse estado várias vezes

com ela em camas de motéis já teria partido para os berros quando o telefone tocou. A mesma atendeu.

- Senhor Augusto, é de sua residência.

Em meio aos papéis não deu atenção, provavelmente era sua esposa com uma sua carência precisando ouvir algo reconfortante; ele não estava com paciência para aquilo naquele momento.

- Diga a Biatriz que assim que puder retorno.
- Não é sua esposa senhor – mesmo estando várias vezes na cama com o patrão a secretária não dispensava o tratamento respeitoso e sabia que ele gostava disso. - é sua empregada.

Aquilo o surpreendeu de tal forma que arrancou o telefone das mãos da secretária. Só teve tempo de falar alô.

- O senhor precisa vir imediatamente.
- O que houve com minha filha?
- Sua filha está bem, senhor, é dona Biatriz.

Ao ouvir o que lhe foi narrado partiu imediatamente para casa. Ao chegar, a ambulância já havia partido. Biatriz estava com a perna e o braço quebrado e o fio de vida agonizante que a empregada narrara havia partido, agora, na espera do rabecão. Augusto não sentiu a agonia de viúva que perde a amada, naquele exato momento se deu conta de sempre odiou a mulher, seus livros e toda a sua mente confusa e inseguranças. A culpou por ter aquela visão de uma cabeça com parte dos miolos pra fora, a culpou por ser o